



## O erotismo presente na Bíblia: breve análise do protagonismo feminino em Cantares de Salomão

The eroticism present in the Bible: brief analysis of the feminine protagonism in Song of Solomon

Fábio Alexandre da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta algumas reflexões sobre o erotismo presente no livro Cantares de Salomão, que integra o Antigo Testamento da Bíblia. Com base, sobretudo, nos estudos de Burke (2008), Ginzburg (2007), Alter (2007), Andrade (2008), Lima (2009), Dutra (2011) e Máximo Cavalcanti (2017), buscou-se evidenciar os aspectos de erotismo, sexualidade e sedução a partir da Bíblia como documento histórico – elementos que constituem, ainda hoje, um tabu em termos religiosos. Nesta perspectiva, cabe destacar o protagonismo assumido pela mulher nos cânticos salomônicos, nos quais Sulamita assume *status* de igualdade e ganha voz tal qual o seu amado Salomão, a quem é atribuída a poesia dos cantares, permeada de erotismo, paixão e desejo sexual.

**Palavras-Chave:** Bíblia; Erotismo; Nova História; Sexualidade; Mulher.

**Abstract:** This article presents some reflections on the eroticism present in the book Songs of Solomon, which integrates the Old Testament of the Bible. Based on the studies of Burke (2008), Ginzburg (2007), Alter (2007), Andrade (2008), Lima (2009), Dutra (2011) and Máximo Cavalcanti (2017), sought to highlight the aspects of eroticism, sexuality and seduction from the Bible as a historical document – elements that constitute, even today, a taboo in religious terms. In this perspective, it is necessary to emphasize the protagonism assumed by the woman in the Solomonic songs, in which Sulamita assumes equal status and gains voice like her beloved Solomon, who is attributed the poetry of the songs, permeated by eroticism, passion and sexual desire.

**Keywords:** Bible; Eroticism; New history; Sexuality; Woman.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE (2018-2019). Pós-graduado em Gestão Social pela Universidade Norte do Paraná (2015) e licenciado em História pela mesma instituição (2017). Bacharel em Administração pela Faculdade Unissa (2010). Atua como docente desde 2014, tendo ministrado aula nas áreas de História, Ensino Religioso, Sociologia, Economia e Gestão. Atualmente é bolsista da CAPES/DS. Contato: fabioxandy@hotmail.com



## Introdução

Este artigo tem por objetivo tecer considerações acerca do erotismo presente no livro Cantares<sup>2</sup>, do Antigo Testamento da Bíblia. Gestado no desejo de evidenciar passagens não tão comuns e pouco debatidas no interior das igrejas de matriz cristã, analisadas à luz da história, somado ao fato de que não há muita produção acadêmica que trabalhe com esta temática, propus-me a dissertar sobre o erotismo e a sexualidade, sobretudo da figura feminina, descritos no livro Cantares de Salomão. Neste interesse, com base principalmente nos estudos de Peter Burke (2008), Carlo Ginzburg (2007), Robert Alter (2007), Edson de Andrade (2008), Anderson Lima (2009), Débora Thomaz Cavalcante Dutra (2011) e Marcela Máximo Cavalcanti (2017), os quais constituem o referencial teórico para as elucubrações aqui delineadas, tentei evidenciar os aspectos de erotismo, sexualidade, paixão, forma e corpo a partir da Bíblia como documento histórico – elementos que constituem, ainda hoje, um tabu em termos religiosos.

No tocante à estrutura teórico-metodológica, o presente texto está dividido em três momentos. Inicialmente toma-se a Bíblia enquanto fonte/documento de estudo historiográfico, a qual é analisada a partir do diálogo estabelecido com o livro de Robert Alter, professor de hebraico e literatura comparada na Universidade da Califórnia, que muito contribuiu no processo de leitura e exegese do texto bíblico, e com a pesquisa de Anderson de Oliveira Lima, que parte dos pressupostos teóricos da história cultural<sup>3</sup>, de Peter Burke, e da micro-história<sup>4</sup>, de Carlo Ginzburg, – autores

---

<sup>2</sup> O livro intitulado Cantares de Salomão, em outras edições da Bíblia também é encontrado com a denominação Cântico dos Cânticos ou ainda Cânticos de Salomão. Neste artigo, por conta da edição da Bíblia aqui utilizada, centrar-me-ei na primeira nomenclatura.

<sup>3</sup> A história cultural é uma corrente historiográfica que amplia as possibilidades de pesquisa, sobretudo por se opor à chamada história tradicional, dita positivista, pela qual se buscava a reconstrução plena do passado a partir da objetividade presente no documento, ou seja, sem considerar o olhar subjetivo do sujeito histórico e do pesquisador. Peter Burke é, talvez, o principal expoente dessa nova história, que lança mão das subjetividades do olhar humano para o estudo do passado. Assim, para a história cultural, a crença na possibilidade de contato com uma realidade passada implica na ideia de relatividade, cuja reconstrução histórica será feita a partir do olhar subjetivo do historiador e à maneira pela qual o documento é por ele interpretado. Significa dizer que a leitura do passado é construída individualmente e as percepções sobre ele são relativas às experiências de cada sujeito em seu tempo/espaço. Cf. Lima (2009).

<sup>4</sup> Para Ginzburg, a nova história trouxe também a possibilidade de o historiador preencher as lacunas deixadas pelos documentos a partir de sua própria criatividade, trabalhando com conjecturas (tanto do historiador quanto do leitor) as quais preenchem os espaços não comprovados pela pesquisa documental. Isso permitiu, entre outras coisas, que o historiador pudesse lançar mão de temas de pesquisa até então desprestigiados. Assim, “A história das culturas, como não foi devidamente preservada pela voz dos documentos históricos quase sempre elitistas, passou a contar exatamente

que bastante contribuíram nas análises tecidas na sequência do artigo, ao tomar a Bíblia como documento a partir do método histórico-crítico, pelo qual estão centradas as análises bíblicas.

Na sequência, busca-se tecer aproximações entre a narrativa bíblica e o discurso religioso, de modo a explicitar as contradições que permeiam os textos da Bíblia (especialmente em Cantares) no tocante à sexualidade, sobretudo quando confrontados com a doutrina judaico-cristã. O respaldo teórico é centrado, aqui, principalmente em Michel Foucault, Marcela Máximo Cavalcanti e Cleusa Caldeira. Por fim, a questão central a ser debatida é o erotismo trazido pelas escrituras nas passagens já citadas. Para este debate foram tomadas como norteadoras as considerações de Débora Dutra e Edson Dorneles de Andrade acerca do erotismo presente em Cantares de Salomão, as quais apresentam elementos bastante evidentes no que diz respeito ao corpo, à paixão e à sexualidade, aspectos pouco explorados na leitura/exegese religiosa.

### **A Bíblia como documento histórico**

Bastante presente na cultura de povos monoteístas de todo o mundo, a Bíblia é formada por pelo menos 60 livros menores, subdivididos em Antigo e Novo Testamento. Os cinco primeiros livros do Antigo Testamento constituem o chamado pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio), do qual as religiões retiram as bases narrativas e ideológicas para fundamentar a sua fé. Já o Novo Testamento é composto por

epístolas – cartas doutrinárias enviadas pelos apóstolos primitivos do Cristianismo; os evangelhos, que são um tipo de *propaganda* antiga, anteriormente chamados *vittae*, talvez se assemelhando às biografias de hoje; um livro profético – Apocalipse – escrito por João, que traz possibilidades de múltiplas interpretações pela riqueza simbólica e mítica da linguagem e, sozinho, um livro histórico que registra os primeiros anos da igreja cristã e seus embates com o judaísmo da época e com o poder romano. (ANDRADE, 2008, n.p., grifo do autor).

Em razão dos objetivos aqui propostos, ater-me-ei ao Antigo Testamento, especificamente em Cantares de Salomão, livro que apresenta passagens sobre o erotismo, a sexualidade e a sensualidade feminina, objetivo central deste estudo, conforme já mencionado. Porém, antes de delinear sobre a Bíblia como documento

---

com essa reconstrução indireta, que em grande medida é uma criação do historiador” (LIMA, 2009, p. 357).

histórico, é importante ressaltar que os estudos bíblicos, aqueles que tomam as escrituras como objeto de pesquisa, iniciaram-se no limiar da Era Cristã. Vale lembrar que as leituras da patrística<sup>5</sup>, por exemplo as de Orígenes (183-254), são consideradas uma forma de estudo bíblico surgida desde o século III d.C. e que permanecerá ocorrendo ao longo de toda a Idade Média, a exemplo dos estudos de Agostinho de Hipona (séc. IV-V d.C.) e Tomás de Aquino (séc. XIII), os quais retomam a filosofia grega, sobretudo a aristotélica, conforme aponta Zilles (2013).

No entanto, é mister pontuar também que esses estudos vão ganhar novas características a partir de Lutero, após a Reforma Protestante no século XVI (ANDRADE, 2008), em que há uma ruptura com a doutrina e os preceitos católicos, conforme é possível observar nas 95 teses luteranas<sup>6</sup>. Em meio a essa nova roupagem assumida pelos estudos bíblicos pós-Lutero está o aparecimento do termo “teologia bíblica”, que pode ser definido “como a ciência que estuda os aspectos sócio-históricos, literários e teológicos da Bíblia” (ANDRADE, 2008, n.p.). Na definição de Robert Alter:

[...] o texto bíblico é ao mesmo tempo múltiplo e fragmentário [...] o que temos, na realidade, é uma costura contínua de textos anteriores, provenientes de tradições literárias divergentes, inclusive de tradições orais, com interferências, menores ou maiores, de revisões posteriores na forma de glosas, costuras, fusões, e assim por diante. (2007, p. 198).

Contudo, é a partir do século XVIII, durante o Movimento Iluminista, que o estudo bíblico sofrerá mudanças contundentes e relevantes, sobretudo para a pesquisa historiográfica. Com o advento do uso da razão, comum à época entre os iluministas, introduz-se paralelamente o questionamento sobre a legitimidade das escrituras bíblicas, tendo sido iniciada a rejeição, em certa medida, da palavra divina e dos milagres por ela descritos. Cabe dizer que

essa mudança foi operada pelo desenvolvimento de uma nova hermenêutica: o *método histórico-crítico* – cujo lugar está ainda assegurado no liberalismo e estudo não ‘religioso’ da Bíblia. [...] Assim, o racionalismo, o método histórico-crítico e a crítica literária mudaram por completo o estatuto da Bíblia como livro sagrado de inspiração divina para um documento antigo como qualquer outro. (ANDRADE, 2008, n.p., grifo do autor).

<sup>5</sup> Nome atribuído à filosofia cristã dos três primeiros séculos após a morte de Cristo. Foi elaborada pelos primeiros líderes da Igreja, considerados os seus pais/padres fundadores, dando origem, assim, ao termo *patrística* (que mais tarde dará vazão à *escolástica*). Em suma, a “patrística representa a síntese da filosofia grega clássica com a religião cristã, tendo seu início com a escola de Alexandria, que revela um pensamento influenciado pelo espiritualismo neoplatônico e pela doutrina ética do estoicismo” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, n.p.).

<sup>6</sup> Teses disponíveis em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1930273-conheca-as-95-teses-de-lutero-faixas-da-reforma-protestante.shtml>>.

É a respeito do método histórico-crítico<sup>7</sup> de interpretação e leitura da Bíblia que tratarei em sequência, na medida em que se entende que este método constitui o principal instrumento de análise, seja historiográfica, sociológica ou literária, do documento bíblico, apesar de possuir limitações. Em síntese é possível dizer que

a exegese bíblica tradicional baseada no método histórico-crítico encontra sua limitação principalmente porque concebendo a Bíblia como documento histórico, acredita que, por meio dela, se pode ter acesso à sua época de origem, e, mais ainda, à intenção original do seu autor. Os exegetas insistiram que era possível compreender o significado dos textos bíblicos a partir do ponto de vista de seus próprios autores ou primeiros leitores, e tal ideia ainda não está superada por completo. (LIMA, 2009, p. 359).

A partir desse método é possível tomar a Bíblia como um documento passível de análise historiográfica como todo e qualquer outro documento, em menor ou maior grau, que apresenta lacunas a serem preenchidas pelo pesquisador. Neste sentido, deve-se utilizar a Bíblia para o estudo de um período/civilização não como documento único e determinante, mas como auxiliar no processo de desvelamento do passado, tal como a literatura, a arte e demais vestígios humanos encontrados ao longo do tempo (LIMA, 2009).

É importante ressaltar que ao estudar a história a partir de um documento bíblico não se deve continuar vinculado aos esquemas tradicionais e totalizantes, tal qual era no passado, cuja historicidade era centrada na macro-história, a qual conduzia para o estudo de grandes civilizações, fatos e realizações político-militares, sobretudo das elites, uma vez que “estas obras tratam o passado histórico como uma realidade perfeitamente reconstituível, e sem o devido cuidado aplicam suas conclusões à análise dos textos bíblicos como se isso nos conduzisse à verdade do texto” (LIMA, 2009, p. 364).

Contudo, é necessário que se tome a Bíblia como um documento histórico auxiliar no processo de historicização do passado, pelo qual o historiador irá contribuir com o seu olhar subjetivo e com a subjetividade própria do documento que está analisando, na busca por elucubrar o passado não exatamente tal qual ele foi, pois como se pode ver em Burke (2008), Ginzburg (2007) e Lima (2009), esta constitui tarefa impossível de ser alcançada de forma plena e total, entretanto, buscar preencher as lacunas desse passado acaba sendo a tarefa monumental do

---

<sup>7</sup> Embora a centralidade desta pesquisa seja no método histórico-crítico, é relevante destacar que existem outros métodos de análise bíblica, como aponta Andrade (2008). São eles: a) Método descritivo; b) Método confessional; Método dissecativo; d) Método diacrônico.

pesquisador, sobretudo no tocante à história cultural, pela qual o contato estabelecido com uma realidade pretérita é permeado de peculiaridades (e não estanque e generalizante como na história política tradicional), tornando sua reconstrução relativa ao sujeito que a estuda e a descreve, tanto pelas suas conjecturas inferidas quanto pela comprovação documental pleiteada.

### **As contradições entre a narrativa bíblica e o discurso religioso**

No livro *Cantares de Salomão* há a presença de cânticos e provérbios que trazem aspectos de sexualidade, sensualidade e erotismo, sobretudo na figura da mulher, que assume certo protagonismo em um livro (a Bíblia) composto de histórias cujos personagens – protagonistas e antagonistas – são predominantemente homens. Sobre isso, Marcela Máximo Cavalcanti (2017) aponta em sua pesquisa que os estudos teológicos, do ponto de vista histórico, têm se voltado para os estudos de gênero e sexualidade apenas nas últimas décadas, e colocar em pauta da religião cristã tanto as perspectivas de gênero quanto a homossexualidade constitui um elemento desafiador e um obstáculo a ser superado dentro dessa área de estudo.

Diante disso, buscar uma ampliação dos significados religiosos pressupõe transpor uma barreira, de certo modo, histórico-cultural, e isso requer combater pensamentos e práticas discriminatórias suscitados no próprio seio religioso. Direcionando as discussões para o campo judaico-cristão, é válido pontuar que os discursos e as narrativas religiosas e bíblicas são, em muitos pontos, paradoxais. Nesta perspectiva, Marcela Máximo Cavalcanti pondera que Jesus, em seus discursos, rompe “com o padrão de controle institucional sobre os instintos e outorga liberdade ao indivíduo de tomar conta da sua própria liberdade e decidir sobre ela, e, não reforça, ao contrário, a força legalista e controladora judaica sobre a sexualidade” (2017, p. 737). Todavia, essa liberdade do indivíduo apregoada por Cristo e citada pela autora é altamente reprimida sobretudo pelo discurso religioso, no seio das igrejas. E isso, segundo Máximo Cavalcanti (2017), contraria o próprio princípio cristão do amor, base fundante do cristianismo.

Segundo Zizek (2015 apud MÁXIMO CAVALCANTI, 2017), essa subversão dos preceitos cristãos<sup>8</sup> ocorre pelo advento do fundamentalismo religioso, que se apropria

---

<sup>8</sup> O termo preceitos cristãos é empregado aqui para evocar literalmente a palavra de Jesus Cristo registrada no Evangelho e não, exatamente, a doutrina do cristianismo (tomada enquanto um

equivocadamente de conceitos religiosos para evocar preconceito e discriminação, o que faz gerar homofobia e misoginia entre líderes religiosos e fiéis, explicitando, portanto, as contradições entre discurso e texto bíblico. Abordar, contudo, o fundamentalismo religioso e a homofobia/misoginia por ele gerada não faz parte das discussões pretendidas por este texto, no entanto constitui aspecto tangente aos nossos objetivos.

Adentrando no contexto histórico pelo qual estão inseridos os personagens bíblicos estudados neste artigo (Salomão e Sulamita), convém destacar que Salomão é filho de Davi, rei de Israel, o qual é apresentado pela narrativa bíblica como um messias. A compreensão da história de Davi, pai de Salomão, é de suma importância para o estudo da história política de Israel por volta dos anos 1000 e 900 a.C. Tentarei ater-me a alguns pontos relevantes dessa história antes de passar para as narrativas e cantares de Salomão, sem os quais a compreensão do contexto tende a ficar incompleta.

Na Bíblia, especificamente no capítulo 11 do segundo livro do profeta Samuel, há uma narrativa que apresenta a história de Davi em uma determinada tarde, após ter permanecido em Jerusalém durante a guerra com os amonitas<sup>9</sup>. Nesse ínterim, ao caminhar pelo terraço do palácio real, Davi se depara com uma mulher de beleza descomunal, que tomava banho em um lago. Descobriu, então, que se tratava de Bate-Seba, esposa de Urias, um soldado heteu<sup>10</sup> (BÍBLIA, 2005). Ignorando o fato de Bate-Seba ser esposa de um de seus soldados, Davi se deita com a moça. Então a engravida enquanto seu marido ainda estava na guerra com os amonitas. Não obstante, Davi mancomunava um plano para matar Urias, prevendo uma contenda com ele em caso de descoberta do ato de adultério. Assim, Urias é assassinado, tendo Davi assumido Bate-Seba como sua concubina. Neste sentido:

Ela tem um filho, cujo nome é Salomão, o que viria ser o grande rei Salomão é fruto de um duplo crime de acordo com a lei judaica: adultério e assassinato. A lei era clara: qualquer homem ou mulher que adulterasse ou tirasse a vida de alguém, sem ser em legítima defesa, deveria ser apedrejado até a morte. Mas, Davi não foi. O profeta Natã repreendera o rei na época, mas não surtiu maiores efeitos que um emocionado remorso. O profeta assume como *aio*, pedagogo, o menino Salomão, já

---

movimento histórico), a qual assume formatos distintos que vão variar de acordo com os valores e princípios de cada igreja de matriz cristã.

<sup>9</sup> Os amonitas, segundo a Bíblia, eram uma nação da Antiguidade que habitou a região localizada ao leste do Rio Jordão, hoje pertencente à Jordânia.

<sup>10</sup> Os heteus, ou hititas, constituíram um poderoso império da Antiguidade que viveu na região da Anatólia, atual Turquia. Na Bíblia são apresentados no Antigo Testamento como sendo uma das doze nações de Canaã. O termo deriva de Hete, descrito em Gênesis como um dos filhos de Canaã, neto de Cam e bisneto de Noé. Para mais elucubrações, ver o livro de Gênesis (capítulo 10, versículo 15).

que arrependido pelo que fez, o rei não consegue sentir-se capaz nem em condições morais de educar seu filho. Após isso, a história de Davi e sua família é marcada por uma profusão de crimes: incesto, assassinatos, rebeliões e uma guerra civil – tudo motivado por outros filhos. (ANDRADE, 2008, n.p., grifo do autor).

Toda essa narrativa nos direciona para o fato de que o documento bíblico apresenta elementos de incoerência, como é o caso do adultério, infidelidade e traição, tão caros no discurso exegético de pregadores e sacerdotes, porém não colocados em prática nem mesmo por esses líderes religiosos. É válido salientar que não é o foco deste artigo discutir a partir desse viés, entretanto ele nos permite conjecturar sobre o objetivo aqui estabelecido: o erotismo, a sexualidade e a sensualidade dos Cantares de Salomão, elementos que nas narrativas bíblicas dialogam diretamente com o adultério e, conseqüentemente, com a misoginia. Torna-se necessário, portanto, “desmascarar as ideologias sexuais presentes na teologia que tanto fomentam as disputas de poder e criam obstáculos à realização plena da religiosidade e da sexualidade” (MÁXIMO CAVALCANTI, 2017, p. 743).

Sobre esses aspectos, Andrade (2008) aponta que “Davi, arquétipo do Messias judeu e cristão, o rei poeta e músico, adorador e autor de mais da metade do maior livro da Bíblia – o livro de Salmos – é ‘poupado’ pelo narrador Bíblico; nada de sanguinário, erótico e violento” (ANDRADE, 2008, n.p., grifo do autor), contrastando com a abordagem acerca da mulher, caso de Bate-Seba, cuja narrativa a representa, por um lado, como bela e sedutora, e, por outro, como sagaz e conspiradora, e de forma semelhante a Eva, seduziu o filho de Deus – Davi, o Messias – conduzindo-o ao pecado e, posteriormente, ao assassinato de seu próprio soldado Urias. Nesta direção, “A mulher [...] é símbolo máximo de desagregação na narrativa bíblica nos dois sentidos: como lugar/sujeito de separação ou estigmatizador. Ou ela é alvo de políticas separatistas, ou alvo de doutrinas religiosas que a tornam *imunda e impura*” (ANDRADE, 2008, n.p., grifo do autor).

Vale ressaltar que apesar de Bate-Seba ter assumido certa importância na história de Davi, sua vida é secundarizada e suas vontades invisibilizadas, o oposto do que ocorre com Sulamita, a protagonista feminina de Cantares (como veremos adiante). Com efeito, Bate-Seba não tem voz na narrativa bíblica, o que torna impossível atestar se ela se deitou com Davi por vontade própria ou se foi por ele violentada. Seus desejos não são expressos no livro, pelo contrário, são silenciados e ignorados em detrimento dos desejos de Davi.



Abro um parêntese, neste momento, para abordar esse silenciamento da mulher e a restrição de suas vontades, que, aqui, faz-se presente em Bate-Seba, mas é também recorrente em boa parte do texto bíblico. Como aponta Michel Foucault, isso ocorre em razão da repressão e da correlação de forças que circunda a atividade sexual, as quais desde a Antiguidade Clássica se fazem presentes na história da humanidade. Nesta perspectiva:

Há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose: consciência de desafiar a ordem estabelecida, tom de voz que demonstra saber que se é subversivo, ardor em conjurar o presente e aclamar um futuro para cujo apressamento se pensa contribuir. Alguma coisa da ordem da revolta, da liberdade prometida, da proximidade da época de uma nova lei, passa facilmente nesse discurso sobre a opressão do sexo. Certas velhas funções tradicionais da profecia nele se encontram reativadas. [...] Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias — eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão; eis, também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribui não somente a tudo o que dela se diz como, também, ao simples fato de dar atenção àqueles que querem suprimir seus efeitos. (FOUCAULT, 1999, p. 11-12).

Sob a ótica foucaultiana, o sexo passa a ser subsumido pelas relações de poder, o que dá vazão aos discursos opressores que se apresentam no seio das igrejas. Para o autor, “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada” (FOUCAULT, 1999, p. 11). Concordando com Foucault, Cleusa Caldeira afirma que “Onde o erótico é negado, estabelecem-se relações de domínio, controle, exclusão e opressão” (2013, p. 1191). Assim, a relação de poder homem/mulher impõe à sexualidade feminina um aspecto de dominação masculina e reduz seus desejos e prazeres sexuais à simples função de reprodução – o que se torna flagrante, por exemplo, na narrativa bíblica de Davi e Bate-Seba.

No tocante a Salomão, tem-se que ele herdou de seu pai Davi o reino de Israel, tendo o governado por aproximadamente 40 anos, logo após a morte de Davi. Durante seu reinado construiu o famigerado templo de Salomão, local de culto do povo de Israel. No documento bíblico, Deus havia dado sabedoria para Salomão, a seu próprio pedido, e por conta de sua “humildade”, foi regalado não somente com a sabedoria por ele pedida, mas também com bastante riqueza.

E deu Deus a Salomão sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar.  
E era a sabedoria de Salomão maior do que a sabedoria de todos os do oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios.  
E era ele ainda mais sábio do que todos os homens, e do que Etã, ezraíta, e Hemã, e Calcol, e Darda, filhos de Maol; e correu o seu nome por todas as nações em redor.

E disse três mil provérbios, e foram os seus cânticos mil e cinco. Também falou das árvores, desde o cedro que está no Líbano até ao hissopo que nasce na parede; também falou dos animais e das aves, e dos répteis e dos peixes. E vinham de todos os povos a ouvir a sabedoria de Salomão, e de todos os reis da terra que tinham ouvido da sua sabedoria. (BÍBLIA, 2005, 1 Reis, 4:29-34).

É importante frisar que há, dentre os cânticos salomônicos, importantes personagens: o amado (Salomão), a amada (Sulamita) e as filhas de Jerusalém. Os Cânticos de Salomão são, portanto, um livro poético do Antigo Testamento, de autoria atribuída a Salomão<sup>11</sup>, e que reúnem

uma coleção de diálogos amorosos entre um homem e uma mulher, nos quais se exaltam a beleza e a paixão. Os judeus interpretaram a obra como a expressão do amor de Deus pelo povo de Israel e, muitos cristãos, a viam como a representação do amor de Deus pela igreja. No entanto, tais visões religiosas acabam por *deflagrar contra o político e o erótico* – essenciais na leitura deste texto (ANDRADE, 2008, n. p., grifo meu).

Isso presume supor que, apesar de haver uma entonação nos discursos exegéticos e pregações que apontam para o elemento pecaminoso da sexualidade, os próprios cânticos e provérbios de Salomão apresentam, em seu conteúdo, uma contradição, na medida em que abordam o erótico, aspecto historicamente profano no contexto religioso e em outras passagens bíblicas.

Outra característica que contrasta com a narrativa bíblica praticamente em sua totalidade é a predominância da voz feminina nos cantares. Cabe lembrar, neste

---

<sup>11</sup> O livro de Cantares é composto por mais de uma centena de versos escritos primordialmente em hebraico antigo, cuja autoria é tradicionalmente atribuída a Salomão. Na Bíblia, os cantares possuem poucas páginas, o que pode ser explicado em razão de o livro ter sido compilado ao longo do tempo e se readequado para atender aos anseios da teologia judaico-cristã. Do ponto de vista historiográfico, Lefebvre (1992, apud TINDO, 2013) aponta que houve certa obliteração do contexto e dos sentidos originais do texto, adulterando seu entendimento e o adequando aos anseios religiosos. É importante esclarecer que era comum em festividades religiosas de povos do Mundo Antigo a prática da dança, da música e da sensualização dos corpos, e nesses eventos eram cantados poemas de amor, fato que pode explicar a origem histórica do Cântico dos Cânticos. Entretanto, Marcos Tindo também aponta que com o tempo o texto foi sendo modificado e incorporado ao discurso religioso a fim de interpretá-lo não mais com teor erótico/sexual (aspecto contrário aos valores monoteístas que se disseminavam sobretudo no Ocidente), mas tomado como metáfora para validar a autoridade espiritual e a doutrinação judaico-cristã. Assim, “O caráter original do poema foi esquecido e ele passou a ser pensado como uma canção de amor, com as duas personagens principais como tipos dos amantes ideais” (POPE, 1977, p. 148 apud TINDO, 2013, p. 17). Contudo, em termos históricos sua autoria é incerta, não sendo possível cravar que os versos foram, de fato, escritos por Salomão, sendo os textos possivelmente inseridos no livro bíblico tempos após a sua redação original. Para Tindo (2013), isso pode ser explicado tanto pela fama de sábio que o rei Salomão possuía à época quanto por sua reputação de homem sexualmente ativo, não gerando, assim, nenhum tipo de escândalo à sua imagem. Outra conjectura diz respeito à autoria dos textos antigos, não sendo possível precisar se quem de fato escrevia era quem pensava o texto, pois naquela altura era comum os autores pensarem e repassarem suas composições para os escribas as registrarem, sendo, muitas vezes, não identificado o autor no rodapé do texto. Para maior aprofundamento no assunto, consultar texto disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/5354/3969>>. Acesso em 20 jun. 2019.

momento, que a mulher é tida como a primeira pecadora da humanidade, sendo a ela atribuídos todos os males e aspectos negativos da natureza humana, e que a Bíblia, quase que integralmente, é escrita por homens, até mesmo nos livros atribuídos a mulheres, casos de Rute e Ester, o narrador é um homem. No entanto, em Cantares de Salomão pode-se perceber o contrário: uma importante participação feminina nos poemas e cânticos, cuja voz é “carregada de erotismo e paixão evocando imagens tão ricas e díspares que vão desde os prazeres do vinho, os jardins orientais até a força dos sepulcros” (ANDRADE, 2008, n.p.). Conceitualmente:

o cântico é a expressão adequada para sentimentos intensos, prazer arrebatador, compromisso profundo. Dominados pelo desejo de dar-se para o outro e de receber dele o que não se pode pedir, não inventam fórmulas, não preparam receitas, não escrevem rituais, não desenham mapas, não elaboram gráficos. Cantam... (LASOR, 1999 apud ANDRADE, 2008, n. p.).

Essa contradição entre discurso religioso e narrativa bíblica é um constructo histórico alicerçado no preceito de que o sexo somente deve ser admitido para a reprodução e/ou satisfação masculina – aspecto muito presente em textos do Antigo Testamento, sobretudo do pentateuco<sup>12</sup>. Entretanto, o livro de Cantares aponta para uma ruptura com essa concepção, de que o sexo é algo pecaminoso e impuro, já que apresenta o erótico e o sensual em sua poesia. Assim, o prazer sexual

[...] encontra no gozo pleno da espiritualidade a sua maior expressão e, é na sexualidade experimentada integralmente que se tem o maior êxtase espiritual entre o terreno limitado e o divino ilimitado. A pulsão espiritual é também sexual, pois a realização plena do indivíduo na sua espiritualidade só pode se dar se houver o esgotamento sexual. A busca pela continuidade da vida humana para além do mundo imediato designa uma maneira de proceder essencialmente religiosa; dentro da forma familiar ocidental o erotismo sagrado se confunde com a busca pelo amor de Deus. A pulsão sexual nada mais é que a pulsão pela espiritualidade, pelo mistério de Deus, ambos andam de comum acordo e fazem parte da maior aspiração do homem: a sua integralidade e sua continuidade. (MÁXIMO CAVALCANTI, 2017, p. 738).

Nessa mesma perspectiva, Débora Dutra aponta para o aspecto alegórico que assumem os cânticos salomônicos no seio das igrejas e no discurso religioso, uma interpretação que nega o seu caráter explicitamente erótico e vincula metaforicamente o amor humano ao amor divino. Segundo a autora,

os fiéis são comparados à noiva que aguarda esperançosa por seu amado; [...] a

---

<sup>12</sup> No livro de Gênesis é possível observar claramente a repressão à sexualidade e ao prazer carnal no capítulo 19, quando é narrado sobre a história de Ló e da destruição das cidades de Sodoma e Gomorra.

fidelidade entre os noivos serve como referência à fidelidade de Deus para com o homem e do homem para com Cristo, tomando ele como único e suficiente Salvador, o que tem por objetivo evidenciar a monogamia e o monoteísmo. Os poemas em forma de metáforas são realmente utilizados para uma possível compreensão do amor divino [...]. Por causa do erotismo que há nos versos, chega a ser questionado por vários estudiosos se este livro devia estar mesmo incluído na Bíblia. (DUTRA, 2011, p. 21).

Todavia, Dutra pondera também que há um ar de incoerência nessa alegoria, uma vez que “Por se tratar unicamente de seus desejos naturais, em nenhum momento Salomão cita o amor divino, seus desejos e observações são puramente sexuais” (2011, p. 21), sendo a comparação entre os cantares e o amor divino uma característica exclusiva dos discursos exegéticos, ou seja, não aparece literalmente no texto salomônico. Ainda sob essa mesma ótica, Cleusa Caldeira comenta que a leitura dos Cânticos pela perspectiva alegórica “promove um imaginário masculino e inviabiliza o protagonismo e o resgate do sentido feminino dos poemas eróticos. Não apenas isso, mas impõe um pressuposto hierárquico da masculinidade divina dominante e de uma feminilidade submissa” (2013, p. 1190).

Nesse sentido, observa-se claramente um paradoxo entre a repressão à obtenção do prazer sexual, mormente nos discursos religiosos mas também presente em passagens do pentateuco, como já apontado, e o próprio livro dos cânticos, que, conforme veremos daqui em diante, apresenta elementos que conduzem abertamente à apreciação do sexo, do corpo e do erótico.

### **O erotismo presente em Cantares de Salomão**

Dentre as centenas de cânticos e provérbios atribuídos a Salomão, selecionei alguns que representam bem os aspectos de erotismo, sensualidade e protagonismo da figura feminina – interesse maior deste texto. Assim, cito na sequência alguns excertos de relevância entre os cantares de Salomão e que nos permitem um contato direto com a poesia bíblica, sobretudo os que dizem respeito aos elementos da sexualidade feminina:

Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho.

O rei me introduziu nas suas recâmaras; em ti nos regozijaremos e nos alegraremos; do teu amor nos lembraremos, mais do que do vinho; Eu sou morena, porém agradável, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 1:2-5).

O meu amado é para mim como um ramalhete de mirra, morará entre os meus seios. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 1:13).

Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os filhos; desejo muito a sua sombra, e debaixo dela me assento; e o seu fruto é doce ao meu paladar.

Levou-me à casa do banquete, e o seu estandarte sobre mim era o amor. Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, porque desfaleço de amor. A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a sua mão direita me abrace. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 2:3-6).

Nos versículos citados podemos perceber o protagonismo feminino na voz de Sulamita, a amada de Salomão. São delas os dizeres acerca dos beijos de Salomão, do amor e do sexo que fizeram nas recâmaras do rei. Outro aspecto explícito na narrativa é a questão étnica, já que Sulamita tenta justificar o fato de “ser morena” dizendo, simultaneamente, que apesar de sua cor, ela é agradável (ou formosa em algumas edições do livro bíblico). Essa perspectiva é aprofundada no texto de Cleusa Caldeira (2013), que busca evidenciar o aspecto da negritude feminina do mundo bíblico, e o livro de Cânticos é, segundo a autora, um dos raros textos bíblicos que referencia abertamente uma mulher negra (Sulamita).

É relevante levar em consideração também o ramalhete de mirra citado pela amada de Salomão. A mirra é uma planta que, dado o contexto histórico da Antiguidade Oriental, possuía bastante valor, sobretudo por suas propriedades medicinais. Era, portanto, bem quista entre os sujeitos do Mundo Antigo, como pudemos notar ao ler as palavras de Sulamita. No trecho em destaque, porém, o ramalhete de mirra pode ser interpretado com um teor erótico, uma vez que ela diz que seu amado “morará entre os seus seios”, tal como um “ramalhete de mirra”, dando uma conotação sexual à sua fala. Para Dutra, “Todas essas plantas aromáticas mencionadas não deixam de ser excitantes, fazem jus aos néctares, a envolvimento que permite, quando são exalados, os perfumes e o bem-estar causado pela presença da pessoa amada” (DUTRA, 2011, p. 16).

Nesta mesma passagem observamos o caráter erótico da fala de Sulamita de forma bastante explícita e despudorada, sobretudo ao transpor para o contexto religioso e cultural contemporâneo, cuja sexualidade é tratada como um grande tabu<sup>13</sup> – mais um elemento de contraste entre o discurso exegético apregoado nas

---

<sup>13</sup> É possível considerar a possibilidade de abrandamento do discurso e até certa alteração nos versos bíblicos originais, sobretudo quando tomam uma conotação erótica, especificamente em Cantares de Salomão, já que se contrapõem aos anseios e à própria doutrina das religiões judaica, cristã e islâmica. Por isso é comum encontrar variação no texto das edições bíblicas, bem como uma linguagem metafórica para abordar termos mais “polêmicos”, como é o caso da substituição, por exemplo, de seios por peitos, genitália/vagina por entranhas etc.

igrejas e os cantares de Salomão. Notamos também a vontade de Sulamita de se entregar à paixão e ao desejo sexual pedindo, após um jantar romântico denominado “banquete” no documento bíblico, que Salomão a abrace (com uma conotação erótica). A seguir mais alguns pontos de erotismo, porém agora na voz masculina:

Os teus lábios são como um fio de escarlate, e o teu falar é doce: a tua fronte é qual pedaço de romã entre as tuas tranças.

O teu pescoço é como a torre de Davi, edificada para pendurar armas; mil escudos pendem dela, todos broquéis de valorosos.

Os teus dois peitos são como dois filhos gêmeos da gazela, que se apascentam entre os lírios. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 4:3-5).

Que belos são os teus amores, irmã minha! ó esposa minha! Quanto melhores são os teus amores do que o vinho! E o aroma dos teus bálsamos do que o de todas as especiarias!

Favos de mel emanam dos teus lábios, minha esposa! mel e leite estão debaixo da tua língua, e o cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do Líbano.

Jardim fechado és tu, irmã minha, esposa minha, manancial fechado, fonte selada. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 4:10-12).

Já vim para o meu jardim, irmã minha, minha esposa: colhi a minha mirra com a minha especiaria, comi o meu favo com o meu mel, bebi o meu vinho com o meu leite: comi, amigos, bebei abundantemente, ó amados. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 5:1).

Há, portanto, uma sequência de passagens eróticas de autoria de Salomão, o amado de Sulamita, com vistas para o amor, a sedução e o desejo. Note-se que no terceiro verso do primeiro cantar ele relata a respeito dos seios da amada, comparando-os poeticamente a “dois filhos gêmeos” de uma gazela. Complementa na estrofe seguinte falando sobre o mel e leite que emanam de sua boca, assim como outras características voluptuosas que são remetidas para a sua amada ao longo dos versos supracitados. Nesta direção, o cântico de Salomão “é permeado por uma linguagem pastoril, simbólica e altamente *erótica*. O *erótico* é legitimador dessa mulher agente do seu destino e objeto do amor do rei. Amparada pelo jogo de *sedução* que assume, exerce seu poder de voto, de escolha, define seu caminho” (ANDRADE, 2008, n.p., grifo meu). Cabe ressaltar que:

A descrição é feita de cima para baixo, a mulher é apresentada *formosa*, com cabelos brilhantes, dentes alvos e perfeitos, virtudes representadas por meio de símbolos referentes à fauna. Quando descreve o pescoço bem adornado, evidencia-se uma postura militar, bem *ereta*, forte como a Torre de Davi. Nos versos quatro e dez do sexto capítulo há uma intensificação dos *desejos eróticos com a ênfase aos seios*. (DUTRA, 2011, p. 14-15, grifo meu).

É importante delinear que o mel e o leite mencionados por Salomão são alimentos considerados divinos pelos gregos e, usados como metáfora, representam “abundância e experiência do prazer da degustação” (DUTRA, 2011, p. 16). No verso que narra sobre o “jardim fechado” de Sulamita, a referência que se faz é sobre a

virgindade da moça, ao passo que em “todo o poema, eles se referem ao princípio do contato sexual, primeiros desejos e prazer do ato experimental” (DUTRA, 2011, p. 16). Na sequência, Sulamita, já despida de suas vestes, estremece de amor pela entrada de Salomão “em sua porta” e “destilando mirra sobre a fechadura”, atende ao pedido de seu amado, apesar de ele já ter ido embora.

Já despi os meus vestidos; como os tornarei a vestir? Já lavei os meus pés; como os tornarei a sujar?  
O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremeçeram por amor dele.  
Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos gotejavam mirra sobre as aldravas da fechadura.  
Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado tinha se retirado, e se tinha ido: a minha alma tinha-se derretido quando ele falara; busquei-o e não o achei, chamei-o, e não me respondeu. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 5:3-6).

No capítulo oitavo, Sulamita se refere a Salomão como seu irmão, porém a conotação que se observa é que ela almeja que o amado fosse um irmão seu “para que ele se alimentasse de seus seios como filho em sua mãe” (DUTRA, 2011, p. 20).

AH! quem me dera que foras meu irmão, e que te tivesses amamentado aos seios de minha mãe! quando te achasse na rua, beijar-te-ia, e não me desprezariam!  
Levar-te-ia, e te introduziria na casa de minha mãe, e tu me ensinarias, e te daria a beber vinho aromático e do mosto de minhas romãs.  
A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a sua direita me abrace. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 8:1-3).

Percebe-se, deste modo, que ela faz o uso das expressões “casa de minha mãe” e “tu me ensinarias, e te daria a beber vinho aromático e do mosto de minhas romãs” para se referir, respectivamente, à sua vagina e às carícias próprias do ato sexual, o que se torna ainda mais evidente no terceiro verso, quando pede para que Salomão abrace seu corpo (DUTRA, 2011). Há também um aspecto de igualdade presente no discurso de ambos os amantes, tanto de Salomão, na condição de rei, quanto de Sulamita, que na condição de amante ganha voz e relevância na narrativa poética, os dois dividindo a poesia e ocupando papel de protagonismo nos cânticos. Observemos a seguir o protagonismo e a reciprocidade presentes em ambos os discursos:

*Na voz de Salomão:*

Que formosos são os teus pés nos sapatos, ó filha do príncipe! As voltas de tuas coxas são como joias, trabalhadas por mãos de artista.  
O teu umbigo como uma taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre como monte de trigo, cercado de lírios. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 7:1-2)

*Na voz de Sulamita:*

Dizia eu: Subirei à palmeira, pegarei em seus ramos; e então os teus peitos serão como os cachos na vide, e o cheiro da tua respiração como o das maçãs.  
E o teu paladar como o bom vinho para o meu amado, que se bebe suavemente, e faz com que falem os lábios dos que dormem.  
Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição. (BÍBLIA, 2005, Cânticos, 7:8-10).

Assim sendo,

O Erotismo passa a funcionar também como ferramenta, como um discurso ou estratégia em que a mulher assume um protagonismo importante. O sujeito poético feminino desse Cântico iguala-se ao masculino em seu discurso, quando lhe é permitida uma abertura espacial, *da e na cidade*. Uma cena rara no contexto oriental é uma mulher em busca explícita do seu amor perambulando pelas ruas e praças. (ANDRADE, 2008, n.p., grifo do autor).

Para além do aspecto do erotismo e dos outros elementos semelhantes apresentados em Cantares de Salomão e que são, talvez, os principais elos na composição dos cânticos, ocorre também uma ruptura com o padrão de escrita de todo o restante do documento bíblico, o qual, como mencionado, concede à voz masculina o papel secundarizado e pejorativo da mulher, e que mesmo em livros que deveriam ser de autoria feminina (casos já citados de Rute e Ester), acabam sendo protagonizados pela voz do homem. Porém, em Cantares se pode observar uma ruptura com este padrão estabelecido, pois a mulher ganha, de certo modo, voz, já que Sulamita desfila sua poesia com alguma liberdade para descrever o amor, a paixão e o sexo que mantém com o rei Salomão numa condição de protagonismo tal qual o seu amado, características “essas extremamente eróticas e que denotam a igualdade e a força dos dois amantes e não de um sobre o outro” (ANDRADE, 2008, n.p.). Débora Dutra corrobora essa perspectiva ao dizer que:

A partir do verso dez há uma descrição do amado, igualmente como o mesmo fez da noiva. Ele é enaltecido com retratações semelhantes às que o homem usou para com a mulher. [...] E nos versos doze e dezesseis revela experiências iniciadas de prazer, onde o amado é tido como objeto de desejo. (DUTRA, 2011, p. 18).

Como se pôde observar na análise de Cantares, há uma diferenciação relevante em relação aos outros livros do Antigo Testamento, trazendo à baila o protagonismo da mulher a partir de sua própria voz, a qual narra sobre as suas paixões e desejos sexuais de modo semelhante à voz masculina. Explicitar, portanto, as contradições do texto bíblico e cotejá-las ao discurso religioso – produtor de preconceito e discriminação – denota uma importante ampliação da compreensão sobre o aspecto da sexualidade e a superação da repressão do desejo sexual da mulher. Como bem aponta Marcela Máximo Cavalcanti, “Essa compreensão pode alterar fundamentalmente a consciência religiosa sobre a abrangência do desejo sexual [...] e desconfigurá-lo como ‘pecado’” (2017, p. 739, grifo da autora), contribuindo de



maneira ímpar para a desconstrução de tabus gestados historicamente sobre a sexualidade.

### **Considerações finais**

Nos limites deste artigo foram discutidos aspectos do erotismo presente na Bíblia, especificamente no livro do Antigo Testamento intitulado Cantares de Salomão. Inicialmente se fez necessário recorrer às abordagens conceituais de documento histórico para, então, tomar a Bíblia como um documento de análise historiográfica. Ao estudar os cânticos salomônicos notou-se uma contradição entre a narrativa bíblica e o discurso religioso, uma vez que os cantares e provérbios estão repletos de erotismo, sexualidade e sensualidade, elementos considerados profanos no seio das igrejas. Outra característica que contrasta com os discursos e narrativas religiosas é a predominância da voz feminina nos versos e cânticos do livro de Salomão, pois Sulamita, sua amada, ganha protagonismo nas narrativas acerca de sua relação com o rei.

Convém dizer que a participação ativa da mulher constitui uma ruptura com todo o restante do documento bíblico, em que não há mais nenhuma presença de protagonismo feminino e, mesmo nos livros cujas narrativas são sobre mulheres – Rute e Ester –, elas se dão pela voz e o olhar do homem. É importante ressaltar também que embora o erotismo se insira na narrativa bíblica para legitimar o poder masculino, explorando o corpo e a sensualidade feminina, em Cantares há um nivelamento de posições, na medida em que Sulamita ganha voz e descreve as características romanescas e sensuais de Salomão, inclusive falando abertamente sobre seus desejos sexuais, o que reforça o protagonismo da mulher no livro em questão.

Nessa perspectiva, Sulamita e Salomão introduzem e solidificam a díade Ele/Ela, pouco evidenciada ao longo da narrativa bíblica. Então, ao me deparar com os cânticos de Salomão e Sulamita pude observar que há certo rompimento com o padrão da narrativa masculina ao inserir a voz feminina e lhe dar alguma liberdade para abordar seus desejos mais íntimos. Além disso, primou-se também por resgatar alguns elementos da historicidade do Mundo Antigo, sobretudo à luz da história cultural capitaneada por Peter Burke e urdi-la à micro-história de Carlo Ginzburg, o



que permite olhar para as narrativas e buscar reconstituir, mesmo que parcialmente, parte do cotidiano dos sujeitos históricos cuja Bíblia faz referência.

É lícito comentar ainda que o breve caminho trilhado neste texto abre passagem para mais abordagens teórico-metodológicas acerca do uso da Bíblia pela historiografia, pois se parte do entendimento de que sua utilização denota um passo de fundamental relevância no estudo dos indivíduos da Antiguidade, com vistas para suas aspirações, dilemas e comportamentos, conforme pudemos perceber a partir das múltiplas nuances trazidas em Cantares de Salomão, além do estímulo a debates cujas temáticas ainda hoje são tratadas como tabu, como é o caso da sexualidade.

Por fim, cabe sublinhar que abordar a Bíblia à luz da história não é tarefa fácil, pelo contrário, denota complexidade, sobretudo para o pesquisador que se debruça sobre as nuances da história cultural. O que tentei fazer aqui foi tomar o documento bíblico como objeto de estudo para descrever os aspectos de erotismo que nele estão condensados e que são vistos com desconfiança nas igrejas e por fiéis, assim como na academia, o que resulta, pelo menos no Brasil, num cabedal teórico brevemente constituído e em um terreno com possibilidades plenas de expansão.

## Referências

- ALTER, Robert. **A arte da narrativa bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ANDRADE, E. D. A Bíblia como literatura: violência, poder e erotismo na narrativa sagrada. **Linguagem – Revista Eletrônica de popularização Científica em Ciências da Linguagem**, São Carlos, 3. ed., out./nov. 2008. Disponível em: <[http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao03/ensaios\\_biblia.php](http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao03/ensaios_biblia.php)>. Acesso em: 04 dez. 2018.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CALDEIRA, C. Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21(3), p. 1189-1210, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n3/23.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- DUTRA, D. T. C. **Cânticos dos cânticos de Salomão**: representação poética do idealismo amoroso. 2011. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Departamento de Letras e Educação, Guarabira, 2011. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1408/1/PDF%20->



%20D%C3%A9bora%20Thomaz%20Cavalcante%20Dutra.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, A. O. História cultural e exegese bíblica: reflexões sobre as contribuições da história cultural para a metodologia exegética. **Telecomunicação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 351-365, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/7694/5477>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

MÁXIMO CAVALCANTI, M. F. M. A teologia *queer* e o direito a Deus à fé e à crença: uma nova perspectiva do direito humano à orientação sexual e identidade de gênero. **Anais do Congresso latino-americano de gênero e religião**, São Leopoldo, v. 5, p.730-745, 2017. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/872/568>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

TINDO, M. A questão autoral do cântico dos cânticos. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, s. 2, ano 9, n. 12, p. 1-34, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/5354/3969>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ZILLES, U. Filosofia e teologia na Idade Média. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 106-129, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/14188/9426>>. Acesso em: 21 jun. 2019.

Recebido em: 24/04/2019  
Aceito em: 19/06/2019